

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | N° 43 - JUNHO 2024



A ISCA DOURADA

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielle Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
Associação Brasileira de
Juristas Conservadores.

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. III – N° 43
Junho de 2024
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

A isca dourada



Muitos conhecem a tartaruga-jacaré ou tartaruga-aligátor, animal natural dos pântanos e rios do sul dos Estados Unidos da América, conhecido por sua mordida poderosa que se assemelha a um jacaré. A criatura, de aparência assustadora, que remete ao período jurássico, usa um artifício para capturar suas presas, uma vez que, se tratando de um carnívoro que passa a maior parte do tempo submersa, facilitando assim sua camuflagem, precisa ser habilidosa o suficiente para caçar peixes que são consideravelmente mais rápidos que o réptil em questão.

Na língua da tartaruga-jacaré é possível observar um apêndice que se destaca do restante do corpo, mesmo da parte interna da boca, parecendo uma espécie de minhoca ou verme que atrai os peixes. Acreditando estar diante de uma presa fácil, um pequeno ser que se debate no fundo de um rio ou pântano, sem conseguir se deslocar, o peixe ataca o apêndice sobre a língua do réptil que, aproveitando-se de sua rápida e forte mordida, abate sua presa, deixando claro que a promessa de uma caça fácil era tão somente uma armadilha para capturar o ágil peixe.

A isca natural utilizada pela tartaruga-jacaré não é a única forma de método ardil para enganar e capturar uma presa, sendo certo que o termo isca nos remete um artifício que engana a caça para que seu caçador possa a capturar com maior facilidade. A palavra isca deriva do latim “*esca*”, que significa

Leandro Costa

alimento, entretanto, há divergências de como o termo passou a se referir ao uso de alimento como forma de engodo, pois, para alguns, a alteração se dera naturalmente, uma vez que o alimento oferecido aos peixes sempre tiveram como objetivo enganá-los para uma captura, todavia, há quem defenda que a palavra seja a aglutinação entre o prefixo “i”, utilizado para dar ideia de oposição, como ilegal se opõe a legal, e a expressão em latim “*esca*” criando assim a forma isca que temos hoje, na qual a letra “e” acabou sendo suprimida.

O conceito de isca não se aplica de forma restrita aos peixes, podendo ser utilizada para qualquer emboscada, fazendo com que o alvo tenha sua atenção focada para algo atrativo e, valendo-se do elemento surpresa, executando um ataque com maior eficiência. A isca pode ser para qualquer tipo de caça ou mesmo em situações de guerra ou outros confrontos, todavia, é importante mencionar que, algumas formas de ludibriar o inimigo podem e devem ser consideradas como desproporcionalmente abjetas, uma vez que, há limites morais que não devem ser ultrapassados mesmo nas condições mais adversas, daí a proibição de ações pérfidas ainda que se busquem argumentos para tentar justificá-las em razão do objetivo.

Em verdade, não há como confundir o uso de uma isca com ações pérfidas, posto que, a primeira usa da astúcia para se valer da ganância ou ignorância do alvo, enquanto a segunda utiliza a mentira para se aproveitar da boa-fé daquele que se pretende emboscar. Mas é preciso lembrar que a manipulação do alvo está presente em ambas as ações, de forma que, pode-se dizer que o pérfido se utiliza de uma isca, de forma imoral, para atrair seu adversário que acredita na honra, inexistente, de seu algoz. Em síntese, o que difere a caça com isca da perfídia é que a tal modalidade ultrapassa limites injustificáveis, valendo-se de uma ausência total de moral de seu autor.

A emboscada sempre se valerá de uma fraqueza da presa, entretanto, no caso da perfídia, entende-se que tal ponto fraco é aquilo que se espera de qualquer pessoa com o mínimo de moral, em síntese, um cessar fogo em que uma das partes alega ser necessário socorrer uma criança inocente ou que pretende negociar a paz, sendo usada como isca, torna o uso do engodo tão abjeto que mesmo em um cenário de guerra deve ser reprovado.

A promessa de riqueza

“Guardai-vos escrupulosamente de toda a avareza, porque a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas” ([Lucas 12:15](#))

É indispensável diferenciar a ganância do que podemos chamar e enriquecimento natural e justo, não há motivos para condenar que um indivíduo ou grupo colha os frutos daquilo que produz, ão se

Leandro Costa

resumindo àquilo que os revolucionários convencionaram em chamar de trabalho, o que nos debruçaremos em breve, mas todo o resultado naturalístico de uma relação saudável de troca Não se pode condenar aquele que recebe os louros de uma invenção cuja funcionalidade é desejada por muitos, que produz algo que há demanda ou mesmo cujo talento realmente encanta os apreciadores, todavia, é sim reprovável a busca da riqueza pela riqueza, procurando atalhos, ainda que indecorosos para a ascensão econômica.

O ladrão, o estelionatário e qualquer um que subtraia aquilo que sabe não lhe ser devido é um ganancioso desprovido de moral e, portanto, disposto a enriquecer de forma indevida, sabendo que sua ascensão significa o flagelo de outrem. É imperioso derrubar algumas falácias para que se compreenda a real condenação da avareza, mas, por enquanto, o foco deve ser a promessa de enriquecimento fácil.

Quando se busca um exemplo de enriquecimento sem esforço, nada mais comum que a expressão “ganhar na loteria”, que remete a um jogo de aposta, não há como negar que a loteria é um jogo que usa da ganância para retirar pequenas porções de muitos sob a promessa de entrega de um grande prêmio. Apostando na sorte, os jogadores tentam adivinhar os números que serão sorteados, caso um apostador ou grupo consiga prever os números sorteados, receberá um prêmio preestipulado pela organização do jogo. Evidente que tal jogo de apostas não sofre quaisquer sanções uma vez que seu maior beneficiado, lembrando que em todo jogo de azar a “banca” sempre terá sorte, é justamente aquele que pode ou não proibir uma atividade.

Evidente que o Estado goza de poderes negados ao cidadão, mais adequado ao discurso oficial seria assumir que os cidadãos abriram mão da autotutela em favor da segurança coletiva, de maneira que, não cabe ao credor reaver pela força um bem não quitado, não podendo se valer do exercício arbitrário das próprias razões, todavia, o Estado, mesmo diante de uma dívida formal como impostos sobre veículo, apreende bens particulares para forçosamente obter do cidadão o pagamento do imposto, tornando-se uma espécie de credor privilegiado.

Aproveitando-se de tal vantagem, o poder público, observando o risco de uma sociedade composta por uma maioria de apostadores inveterados, buscou mitigar o acesso aos jogos de azar, proibindo-os, contudo, ao perceber o potencial lucrativo no que tange à exploração da ganância em sua forma mais rasa, o mesmo Estado se tornou a maior banca de jogos, permitindo que a chama do enriquecimento fácil se mantivesse acesa no imaginário popular. Na loteria, basta que um apostador, em um golpe de sorte, ascende à condição de milionário para outros tantos busquem trilhar o mesmo caminho, de forma que, a vitória de um, não se trata de mero enriquecimento, mas da criação de uma isca para que a grande

Leandro Costa

maioria, que não será alcançada pela sorte, mantenha as engrenagens do jogo em total funcionamento, drenando dos indivíduos para alimentar a banca.

A ludopatia não é enfrentada pelo poder público justamente por ser o próprio Estado um dos maiores, senão o maior, beneficiados por tal condição, não sendo restringidas as propagandas de jogos como ocorre com o cigarro e o álcool, e ainda, nos casos das loterias estatais, sequer há um aviso do risco à saúde.

Além dos jogos de azar que parecem ser guiados tão somente pela imprevisibilidade, há também as apostas em atividades desportivas, na qual o apostador escolhe um favorito, ou resultado específico, para tentar o ganho. As apostas em esportes como corridas de cavalos e outros tantos, lembrando que atualmente há em curso uma explosão de apostas no futebol, tratam de resultados que, em tese, não se resumem ao acaso, mas da análise dos envolvidos.

Cabe uma breve pausa para apontar o quão perigoso é a ligação entre dirigentes, jogadores e clubes e as casas de apostas, cada vez mais, fica evidente que clubes e atletas são patrocinados pelas agenciadoras dos jogos, criando assim uma relação no mínimo curiosa, para não dizer suspeita, entre os atores em campo e nos bastidores do futebol e figuras que, conforme o resultado, poderão aferir maior ou menor vantagens.

Não bastassem tais modalidades de jogos de azar, os gananciosos apostadores acabam por se seduzirem pelos jogos de aposta virtuais, aplicativos que ofertam recompensas conforme a alegada sorte do jogador, todavia, tais aplicativos são programados de forma que, aquilo que se chama de probabilidade pode ser preestabelecida pelo programador. No mundo virtual o programador é o senhor da realidade, uma vez que, sendo virtual, os resultados podem ser estabelecidos conforme a conveniência daquele que criou ou editou o sistema. Eis a maior crítica ao sistema virtual de votos.

Imaginemos que o programador de um sistema que simule uma esfera que gira e sorteia aleatoriamente pequenas bolas contendo números, como as tradicionais loterias, estabeleça no código fonte que a probabilidade de um determinado número ser o escolhido é trinta vezes maior que os outros, em uma situação real, seria possível observar alguma alteração nas bolas que contém os números, entretanto, em uma realidade virtual, não há como perceber quaisquer diferenças, pois a realidade virtual permite a flexão irreal, ou seja, a distorção conforme a base da programação.

Em uma aposta virtual, tudo aquilo que se atribui à sorte, é, na verdade, uma narrativa para que a presa acredite que obterá um resultado aleatório quando está diante de um sistema que entrega resultados preordenados camuflados de aleatoriedade. Por mais que o predador, como um grande tigre, finja que te deu uma vantagem para equilibrar o jogo, sendo que a vitória da presa depende tão somente do fortuito,

ao acreditar nisso, a vítima já mordeu a isca e se encontra dentro do alcance do salto do predador. O único objetivo do tigre é que o alvo deixe sua lança de lado e entre no campo de batalha, uma vez que, suas garras e pressas lhe propicia uma vantagem natural.

Os encantadores de incautos

Não obstante ao uso dos jogos de azar como forma de seduzir os gananciosos, existem outras formas de alcançar os corações famintos por fama e riqueza. Nada é mais encorajador que observar o sucesso daquele que se enveredou pelo caminho pelo qual se pretende seguir, para isso, basta que histórias de sucesso sejam amplamente divulgadas com o intuito de arrebanhar tantos outros que desejem a mesma sorte, omitindo, porém, que a seleção, como uma fina peneira, ou ainda pior, uma farsa está entre o sonho e a realidade.

Seguindo a mesma lógica do ganhador da loteria, que se trona milionário da noite para o dia, há determinados famosos que ascende de forma ímpar, em alguns casos de maneira inexplicável, para que sirvam de inspiração aos que almejam igual “sorte”, neste caso em ambos sentidos. O encanto está lançado e a ganância fará o resto, de tal forma que, um jovem deslumbrado com a vida glamorosa dos ricos e famosos tentará atingir aquele patamar de forma tão cega que não se furtará em atropelar a moral ou se prostituir, destruindo sua dignidade pelo caminho, caso o esforço acabe em frustração, não restará nada além de um indivíduo aquebrantado e faminto por qualquer esperança de alcançar a fama ou a riqueza que acreditou que faria jus um dia.

Não por acaso, crianças desejam mais uma camisa de determinado jogador de futebol ou buscam imitar os passos de uma cantora famosa que estudou ou o próprio convívio familiar, se inspirando em celebridades que, por vezes, ostentam riqueza como forma de atrair seus seguidores, confundindo os mais incautos que, movidos pela ganância, deixarão de lado valores inestimáveis por acreditarem que o sucesso como ser humano reside em vomitar o luxo diante de uma situação em que a moral é aquilo que se tem como mais valiosa.

Para agravar tal cenário, quando a empreitada em busca da fama e riqueza não atende as expectativas de determinado indivíduo, entender-se-á como um fracassado e não aceitará a situação real em que se encontra. O conhecido termo “artista fracassado” é nada mais que o jazigo de uma sonho frustrado que foi alimentado, por vezes, ao arrepio da realidade, sem que houvesse o preparo para os casos em que a meta não fosse atingida.

Há ainda aquele que serve de isca, aquele que vive naquilo que acredita ser o sucesso mas é tão somente um aquário nefasto que o isola da realidade em troca do favor, ser o exemplo para os

Leandro Costa

desavisados, que presta ao mal maior, ou seja, vive regado a luxos que não seriam lhe ofertado caso não existisse o especial fim de convencer os tolos gananciosos que existe um caminho fácil para a ascensão social traçado aos que se sujeitarem aos desejos dos mestres, aqueles que puxam as rédeas da sociedade.

O valor de uma isca está na quantidade ou qualidade daquilo que é capaz de atrair, logo, uma figura cuja influencia seja tão forte a ponto de alterar decisões de seus seguidores deve receber tantos afagos o quanto seu valor justificar, todavia, caso tente romper com as engrenagens será ostracizada de seu meio, se possível, sua fama lhe será retirada e até mesmo sua riqueza. Refém do sistema que o alimenta, a isca nada pode fazer além de servir ao seu propósito, colhendo cada vez mais consciência para que seus mestres acumulem poder real, em troca das migalhas que se traduzem no luxo que pode usufruir.

Não por acaso, artistas se dobram aos anseios de uma força política dominante, como fizeram nas nada saudosas União Soviética e Alemanha nazista, servindo como chamarizes para que o povo, cativo pelo seu carisma, ainda que artificial, deixe-se seduzir por discursos consonantes aos interesses da elite política. O meretrício intelectual está presente quando tais figuras avalizam as narrativas de seus senhores sabendo que sua fama lhes garante a simpatia dos tolos.

Não menos oportuno observar que os hábitos dos indivíduos se contaminam conforme o exemplo daqueles que decidiram se espelhar, como jovens que regulam sua moral de acordo com o posicionamento de artistas e pseudointelectuais em detrimento dos anciões de seu convívio. Basta uma fração de segundos para que nos venha à mente jovens que tem pais, tios e avós de caráter ilibado, mas que pautam suas decisões conforme a postura de pensadores revolucionários transloucados, sectos de grupos acometidos pela esquizofrenia minoritária ou artistas que imitam pinípedes como forma de chamarem a atenção.

No cenário atual, tanto a isca quanto a presa são tolos que servem aos senhores da revolução, sucumbindo à ganância, sendo alimentados de riqueza ou sonhos, procurando uma vida de utopia doentia em que seus mestres garantiram seu futuro, sem perceberem que sua vida está sendo entregue nas mão das figuras mais detestáveis, seja por terem se prostituindo em troca da fama ou por buscarem uma ilusão que os reservará um futuro trágico.

“O fraudulento não há de morar jamais em minha casa. Não subsistirá o mentiroso ante meus olhos” ([Salmos 100:7](#))

As embalagens vazias

Um tema que já abordamos anteriormente, mas que é indispensável para que possamos perceber o quão a isca é refém do sistema que integra, sendo, na maioria das vezes criada e mantida por seus mestres. Por tal razão, tratar do tema tornou-se recorrente quando precisamos entender os métodos

Leandro Costa

revolucionários atuais, posto que, como as massas utilizadas pelos líderes são moralmente deficientes, é preciso que os encantadores sejam igualmente fúteis.

“Embalagens vazias estão sendo cada vez mais utilizadas para propagar conteúdo, humoristas que não fazem rir, cantores que tem como única utilidade promover uma pauta, influenciadores que nada tem a dizer e outros tantos. A alternativa é sem dúvida uma jogada de mestre, pois, como qualquer embalagem vazia é facilmente substituída, não tem conteúdo, torna-se refém da vontade de seus mestres”.

O papel das embalagens vazias é alcançar o maior número de pessoas, reduzir-lhes os critérios para que aceitem qualquer coisa como valiosa, assim o que chamamos de [A Grande Torre de Marfim](#) e suas repetidoras, podem exercer o controle sobre tais influenciadores e seu público.

O incentivo à vida degenerada, abuso de drogas e lasciva exacerbada, sendo daí a vontade de banalizar o aborto, decorre da necessidade dos líderes revolucionários em se valer do [lumpemproletariado](#). Assim sendo, “a glamorização da vida boemia e das drogas é explícita na manifestação cultural, as embalagens vazias (influenciadores que nada tem a oferecer e são colocados em tal condição para servir como o Flautista de Hamelin), o chamado funk ostentação seduz os incautos a abraçarem uma cultura de orgias regada ao luxo, vendendo uma falsa ilusão”.

Em uma realidade na qual é preciso convencer as massas a seguirem comandas que não sabem quais os fins, fica evidente que a criação artificial de ídolos é uma forma de manter sob o cabresto dos líderes todo aquele que se comunica com as massas, nada mais útil que um ser que sabe dever seu “sucesso” ao sistema que o alimenta, assim, tal como na academia, ocorre a retroalimentação.

Vivendo como se cada dia fosse o último e sem quaisquer preocupações em relação à moral e o legado às gerações futuras, os “bem-sucedidos” [caçadores de emoções](#) entregam sua dignidade em troca de fama e dinheiro com meretrizes.

“Cada vez mais emergem indivíduos que não possuem real valor aos seus pares, que como arautos do mal, seduzem os mais incautos ao precipício em troca de prazeres momentâneos em uma espécie de acordo nefasto do qual acreditam obter uma vantagem que justifica a vassalagem aos piores senhores. São os agentes que gosto de chamar de embalagens vazias, de fácil reposição e, por isso, totalmente obedientes”.

Ao final, vivendo em suas bolhas luxuosas, não importam se condenam aqueles que os admiram, pois sabem que tal admiração é um produto artificial e que sua única serventia é propagandear aquilo que seus mestres mandarem, ainda que seja enaltecer uma ditadura nefasta como a norte-coreana, haja vista que, sua ganância os despira de sua humanidade, mesmo que estivessem bailando sobre cadáveres, pouco se importariam com aqueles que sacrificam em nome de seu sucesso.

Leandro Costa

“O elo entre a Torre de Marfim e as hordas, precisa ter forte influência entre seus seguidores, devem acreditar estarem em uma condição especial e precisam temer a perda de sua posição. Tais elementos se tornam mais identificáveis nas chamadas embalagens vazias, posto que, por serem peças de fácil descarte, não podem se opor aos seus senhores.

A beleza reluzente dos bailes atrai os mais frágeis como a luz faz com insetos, podendo deixar-lhes cegos em relação a tudo aquilo que o cerca, sendo uma armadilha fatal. Mas viver entre o glamour da dita alta sociedade, gozando do luxo, cobra um preço para tais indivíduos que, se forem atingidos por alguma dosagem de moral, recusar-se-ão pagá-lo.

Quanto mais dependente do aparato for o agente que serve de elo, mais se submeterá aos desmandos de seus senhores, fazendo com que a elite revolucionária tenha total controle sobre sua existência. Imaginemos um artista de grande influência se sujeitar a uma exposição na qual faz um papel de total idiota para que as explanações de seu interlocutor, na forma de ensino, possam atingir seus seguidores”.

A isca é um instrumento de enganação que será usada para capturar a presa, portanto, todo aquele que tiver a oportunidade deve se recusar a servir como isca e aquele que perceber a armadilha precisa se proteger e alertar aos seus pares do mal que os espreita. Nossa missão, como seres humanos é suportar a sedução do mal e enfrentar aqueles que o servem, sob pena de nos tornarmos culpados pela omissão, por isso nos compete denunciar as armadilhas que pretendem cooptar os mais inocentes antes que seja tarde.

“O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons”.

Martin Luther King



Ben jor, os alquimistas já chegaram!



No Brasil, as décadas sob o regime militar (1964-1985) foram marcadas por uma polarização intensa, onde artistas frequentemente utilizavam suas músicas para criticar o governo e suas políticas. Canções como "Apesar de Você" de Chico Buarque e "Cálice" de Chico Buarque e Milton Nascimento, embora consideradas subversivas na época, refletiam uma visão contestadora que se popularizou entre parte da população brasileira.

Desde 2014, vivemos um momento de turbulência política, mas, a partir de 2019 a turbulência se tornou particularmente jurídica, onde o judiciário brasileiro tem sido alvo de críticas por suas decisões controversas e algumas vezes monocráticas. O ano de 2019 marcou o início de uma série de atos que, sob o manto dos garantidores do “Estado Democrático de Direito” e da democracia, são interpretados como necessários para garantir a ordem e combater o fascismo (ou o que quer que esta palavra signifique atualmente). Por outro lado, existem aqueles que veem o óbvio ululante: o rei está nu.

As canções que outrora criticavam o regime, algumas vezes nos parecem como um rascunho de uma agenda revanchista. Sem perceber, os autores ou intérpretes estavam não apenas falando daquilo que acreditavam, mas quem sabe, prevendo o que posteriormente ocorreria. Teoria da conspiração? Não, apenas estamos usando a imaginação para conseguir lidar com o clima pesado que nos envolve nestes tempos em que o amor não só venceu, mas parece querer esmagar a tudo e a todos.

Maurício Motta

Em 1974, Jorge Ben (ainda sem Jor), lançava seu 11º LP intitulado “A Tábua de Esmeralda”. A canção que abria aquele álbum era “Os Alquimistas Estão Chegando os Alquimistas”.

Aquela canção nos sugere um padrão de comportamento dos “ilustrados” que dão as cartas no jogo político atualmente: *“Eles são discretos / E silenciosos / Moram bem longe dos homens / Escolhem com carinho / A hora e o tempo / Do seu precioso trabalho / São pacientes, assíduos / E perseverantes / Executam / Segundo as regras herméticas / Desde a trituração, a fixação / A destilação e a coagulação / (...) / Todos bem iluminados / Evitam qualquer relação / Com pessoas de temperamento sórdido”*.

Sim, os ilustrados eram discretos e silenciosos, suas ações tantas vezes ocorriam a portas fechadas, mas há que dizer que atualmente nem lutam mais contra o desejo incontido pelos holofotes. Certamente moram bem longe dos homens, qual deles sairia às ruas sem temer a repulsa do populacho ignaro? Como esquecer a fala de um deles, um pouco mais contido, desafiando outro um pouco mais audacioso? “Saia à rua (...), saia à rua”. Quem sabe aquele mais audacioso saísse às ruas, mas à Rua do Salitre, em Lisboa, uma das mais caras daquela cidade. Quem sabe...

Certamente têm inegável perseverança, elaborando secretamente as regras herméticas que trituram opositores, destruindo capacidades de ação ou reação, em razão da supremacia de suas posições. São iluminados e, qualquer um que obstrua o sagrado caminho da Democracia, terá a marca da sordidez. Os sórdidos são de antemão perdedores, e na linguagem rasteira... manés.

Mas nem só de Jorge viveu a história musical daqueles 21 anos. Em 1968 tivemos o Festival Internacional da Canção e Geraldo Vandré, artista muitas vezes mal compreendido acabou conquistando o segundo lugar daquela disputa. Sua canção “*Pra não dizer que não falei das flores*” é uma das mais poéticas e menos militantes dentre as que surgiram naqueles 21 anos. Em 2024 não seria difícil ver qualquer coach ensinando “*Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer*”. É quase uma fala de palestra de autoajuda.

Geraldo Vandré não errou nem estaria errado atualmente em um quesito: “*Há soldados armados / Amados ou não / Quase todos perdidos / De armas na mão*”. É verdade, há soldados amados e outros nem tanto, mas sem um braço forte e uma mão amiga que os conduza, podem parecer perdidos, sem alma. Mas por outro lado, falharia miseravelmente se mantivesse a visão: “*Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição / De morrer pela pátria / E viver sem razão*”. Geraldo, Geraldo... Quanto tempo precisaremos viver para entender que, a defesa de uma ideia cria a necessidade de instalar uma instituição que a represente. A criação de uma instituição obriga à formação de um corpo de servidores, defensores da ideia inicial. Mas em poucos anos, os servidores militarão mais no sentido de preservar suas carreiras e vantagens dentro da instituição, que defender a ideia inicial inspiradora da instituição. E assim a ideia se perde na burocracia e nos interesses pessoais. Nas instituições tacitamente é ensinado que defender a carreira, os títulos, as

Maurício Motta

honorarias é o Monte Castelo a ser conquistado, ainda que publicamente a honrada ideia de morrer pela pátria permaneça encimando muitos portais.

Francisco Buarque de Holanda, o Chico, letrista renomado marcou época. Aqueceu o coração de muitas jovens militantes com seu cantar desafinado em suas letras bem elaboradas. Um bom exemplo é a canção “*Apesar de Você*”, lançada em 1970 e que tem um lugar especial na lista de obras de “resistência” pela atualidade de sua mensagem. “*Hoje você é quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão, não / A minha gente hoje anda falando de lado / E olhando pro chão, viu / Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a escuridão (...)*”. Chico, eu não ousaria dizer quem é “*Você*”, penso que já abusei demais do risco, mas ninguém duvida que em 2024 “*Você*” é quem manda e falou... tá falado. Discutir pode levar à visita matinal de uma bela Blazer preta. Em razão disso minha gente também fala de lado e olha para o chão. Chico, “*Você*” inventou esse estado de coisas e sim, até o horizonte está bem escuro.

Chico, às vezes fico me perguntando: será revanchismo? Será que o seu grupo, aquele dos anos 60, será que querem pagar na mesma moeda? Se for, em que vocês seriam melhores que os seus antigos algozes? Estou exagerando Chico? Leia o que você cantou... “*(...) Quando chegar o momento, esse meu sofrimento / Vou cobrar com juro, juro / Todo esse amor reprimido, esse grito contido / Este samba no escuro / Você que inventou a tristeza / Ora, tenha a fineza de desinventar / Você vai pagar e é dobrado / Cada lágrima rolada nesse meu penar (...)*”. Não apenas dobrado, esses juro sobre juro estão tornando a suposta dívida impagável. Neste olho por olho, qualquer dia seremos um país de cegos. Ou já somos, Chico.

Seguindo na linha produtiva de Chico, a canção chamada “*Meu Caro Amigo*”, última faixa do lado B do LP “*Meus Caros Amigos*” de 1976 é no mínimo interessante. Nela Chico cantava para seu amigo Augusto Boal em tom de confiança o seguinte: “*(...) Muita mutreta pra levar a situação / Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça / Que a gente vai tomando e também sem a cachaça / Ninguém segura esse rojão (...)*”. E que situação Chico! São muitas mutretas atualmente! Só desculpe não poder te oferecer a cachaça, porque com o aumento do imposto sobre bebidas alcoólicas ficará difícil, mas creio que em Paris você não encontrará dificuldades em degustar, não é mesmo? Agora no quesito teimosia, continuamos os mesmos, teimamos em ser livres, mas não por pirraça, mas por direito natural.

Ainda outra vez Chico Buarque, agora em parceria com Milton Nascimento, o Bituca, lançou também em 1978 uma das mais impactantes mensagens contra a censura, a canção “*Cálice*”. Um trocadilho com a ordem, *cale-se*, vinculando ao cálice amargo que Nosso Senhor Jesus pediu que passasse Dele. Uma mensagem direta e forte, sem dúvida.

Maurício Motta

“De muito gorda, a porca já não anda (cálice) / De muito usada, a faca já não corta / Como é difícil, (Pai) Pai, abrir a porta (cálice) / Essa palavra presa na garganta Esse pileque homérico no mundo / De que adianta ter boa vontade? / Mesmo calado o peito, resta a cuca / Dos bêbados do centro da cidade”. Mas Chico, a porca é ainda mais gorda em 2024. Me refiro ao Estado brasileiro, que imenso como a porca de sua canção, é inerte. E pervertendo a ordem natural das coisas, suga de seus leitões o divino leite que lhes manteria fortes, saudáveis e autônomos. A faca (ou espada) da justiça também é cega, posto que não corta seus privilégios nem daqueles que a ela aderem. Realmente, é quase impossível abrir as portas da burocracia, imagine então a porta da sala de totalização dos desejos dos brasileiros. Chico, nosso mundo parece ter acordado de um pileque homérico, daqueles! A dor de cabeça, o mal-estar, a sensação de ter cometido o mesmo erro pela terceira vez. O clima é tão ruim que muitos se perguntam se vale a pena insistir em ter boa vontade. Mas mesmo calada a voz, resta o patriotismo na Paulista e em Copacabana. Parar? Só depois do coração.

Em 1976 o Brasil também vibrava com a voz forte e a emoção rasgada de Elis Regina. Ah, a nossa Pimentinha! Naquele ano, Elis lançava o LP *“Falso Brillante”* e dando voz a Belchior ela interpretava de modo inigualável a canção *“Como os Nossos Pais”*: *“(…) Hoje eu sei que quem me deu a ideia / De uma nova consciência e juventude / Tá em casa guardado por Deus / Contando o vil metal / Minha dor é perceber / Que apesar de termos feito tudo, tudo, tudo o que fizemos / Nós ainda somos os mesmos e vivemos / Ainda somos os mesmos e vivemos / Ainda somos os mesmos e vivemos / Como os nossos pais (…)*”. Ah Elis, se você soubesse quanto desse vil metal pode caber em algumas malas de um apartamento em Salvador. Ah se você tivesse visto quanto dinheiro um simples *“Lava-Jato”* poderia trazer de volta ao nosso país, tua dor teria sido incalculável. Maior até que aquela que você experimentaria ao ver seus contemporâneos usufruindo as benesses do capitalismo e as belezas da Europa, em seus apartamentos em Paris. Entretanto, discordo de você em relação a viver como os nossos pais. Eles viviam menos e melhor que nós, num mundo cheio de injustiças e contradições é verdade, mas onde Deus, a pátria e a família eram a base e sustentação dos sonhos daquela geração. Mas Elis, Deus continua guardando a todos, até que venha o dia de Sua Justiça, não se preocupe.

Já em 1979 no LP *“Essa Mulher”*, interpretando a obra de João Bosco e Aldir Blanc *“O Bêbado e o Equilibrista”*, Elis cantava com inspiração: *“(…) Que sonha com a volta do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete / Chora a nossa pátria, mãe gentil / Choram Marias e Clarisses / No solo do Brasil / Mas sei que uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente / A esperança dança / Na corda bamba de sombrinha / E em cada passo dessa linha / Pode se machucar / Azar, a esperança equilibrista / Sabe que o show de todo artista / Tem que continuar (…)*”.

Maurício Motta

É verdade Elis, continuamos sonhando, não mais com a volta do “Betinho”, mas com a volta do Allan dos Santos, do Paulo Figueiredo, do Rodrigo Constantino entre outros. Nossa Pátria Mãe Gentil continua chorando por seus filhos, não apenas pelas Marias e Clarisses, mas pelos Clezões e Eustáquios também. A dor é verdadeiramente pungente, mas como você estava certa, a esperança ainda se equilibra e segue adiante afinal, o show brasileiro da vida real nunca para e desistir não é uma opção.

Este texto é dedicado a todos os artistas militantes, de antes e de agora. Flautistas de Hamelin que tocam, cantam e encantam as multidões. De onde vêm as trinta moedas que vocês recebem por pagamento? Eis a questão final, conduzem por quem?

[Acesse nosso blog](#)



Feminismo e contradições
Mulheres Bíblicas: PARTE III
Débora, a Profetisa



No último final de semana contribuí em um retiro para jovens. Foi um tanto árduo. Agora com um bebê de sete meses não está sendo muito fácil manter o ritmo das atividades que eu desempenhava antes.

Todavia, o trabalho com jovens sempre me cativou. Afinal, o jovem de hoje será a sociedade de amanhã. E é através dos nossos filhos que nossos valores serão perpetuados às próximas gerações. Entender essa grandeza contida no jovem é de extrema importância para transformação do mundo. Certos grupos compreenderam essa verdade tão bem que mesmo com o passar dos anos não abrem mão de suas atuações no ambiente dos jovens.

O grupo é jovem. Mas os jovens já não são tão jovens. E aqui mora um perigo. O perigo de manipular os pensamentos dos jovens em favor de lutas e conquistas poucos ortodoxas.

Como dito em edições anteriores, Jesus tinha uma mensagem libertadora. Era uma mensagem que cortava os grilhões e correntes da época. Jesus não seguia aquilo que um judeu esperava. Certamente um bom judeu o consideraria um verdadeiro rebelde, um desobediente. Tanto que para tanta heresia, Ele mereceu a cruz.

Juliette Oliveira

A mensagem de Jesus era revolucionária para a época, quebrava paradigmas, fugia do senso comum. Jesus era um judeu que não limitava o dia Santo para realização de milagres. Para Jesus o ser humano era mais importante do que as regras. Mas a vida de Jesus não era sinônimo de baderna e desobediência.

Jesus é o nosso protagonista da história da Salvação. Entretanto, para se chegar no ponto alto do Cristianismo tivemos muitos coadjuvantes. A Boa-Nova estava sendo anunciada há longa data. Muitos personagens precisaram passar para que o Cristianismo surgisse.

Hoje iremos abordar a figura do profeta e profetisa. Um profeta é uma pessoa que serve como mensageiro de Deus, transmitindo Suas palavras e orientações ao povo. Na Bíblia, os profetas desempenham um papel crucial, comunicando a vontade divina e corrigindo abusos morais e religiosos.

Os profetas são porta-vozes Divinos. Eles falam em nome de Deus, transmitindo Suas mensagens e revelações. Eles são considerados a “boca” pela qual Deus comunica Sua vontade aos homens.

Além de prever eventos futuros, os profetas frequentemente corrigem comportamentos errados e orientam o povo em questões morais e espirituais.

Muitos profetas recebem visões ou revelações diretas de Deus, que podem incluir instruções específicas ou mensagens sobre o futuro.

No Novo Testamento, João Batista é um exemplo de profeta que preparou o caminho para Jesus, anunciando Sua vinda e chamando o povo ao arrependimento.

Os profetas desempenham um papel vital na história bíblica, ajudando a guiar e moldar a fé e a moralidade do povo.

Além de João Batista existe uma outra figura bem icônica na Bíblia na função de profeta: Débora. Profetisa e juíza em Israel, Débora liderou seu povo à vitória em batalha durante um período de grande opressão pelos cananeus. Ela é um exemplo de liderança feminina e confiança em Deus.

Débora era conhecida por resolver disputas civis entre as tribos de Israel. Ela se sentava debaixo de uma palmeira, conhecida como a “palmeira de Débora”, onde os israelitas vinham buscar suas decisões.

Quando os israelitas foram oprimidos por Jabim, rei de Canaã, Débora convocou Baraque para liderar o exército israelita contra Sísera, o comandante do exército de Jabim. Baraque concordou em ir para a batalha apenas se Débora fosse com ele.

Débora profetizou que a honra da vitória não seria de Baraque, mas que Deus entregaria Sísera nas mãos de uma mulher. Isso se cumpriu quando Jael, uma mulher, matou Sísera, garantindo a vitória de Israel.

Juliette Oliveira

Após a vitória, Débora e Baraque entoaram um cântico de louvor a Deus, celebrando a libertação de Israel. Este cântico é registrado em Juízes 5 e é um dos mais antigos poemas hebraicos conhecidos.

Débora é um exemplo poderoso de liderança feminina, coragem e fé. Sua história inspira muitos a confiar em Deus e a assumir papéis de liderança com sabedoria e justiça.

De acordo com algumas interpretações bíblicas, o dom da profecia não foi algo temporário ou passageiro e pode continuar a existir para edificar a igreja e transmitir revelações de Deus, isto é, temos profetas nos dias atuais.

No entanto, é importante analisar cuidadosamente qualquer pessoa que se declare profeta, ou ainda, intitulações de terceiros, comparando suas palavras com os ensinamentos bíblicos para garantir que não contradigam a Bíblia.

Greta Thunberg, profeta da atualidade?



Greta Thunberg é uma ativista ambiental sueca conhecida por seu ativismo em relação às mudanças climáticas. Ela não é uma profetisa no sentido religioso ou bíblico, mas muitas pessoas a veem como uma figura inspiradora e uma voz poderosa na luta contra a crise climática. Sua capacidade de mobilizar milhões de pessoas ao redor do mundo e de falar diretamente aos líderes mundiais é notável.

Começou seu ativismo climático em 2018, quando tinha apenas 15 anos. Ela iniciou um protesto solitário em frente ao parlamento sueco, segurando um cartaz que dizia “Skolstrejk för klimatet” (Greve escolar pelo clima). Esse ato simples rapidamente ganhou atenção mundial e inspirou milhões de jovens a

Juliette Oliveira

se juntarem ao movimento Fridays for Future, organizando greves escolares e manifestações em todo o mundo.

Greta tem falado em importantes conferências internacionais, como a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP), e se encontrou com líderes globais para pressionar por ações mais ambiciosas contra as mudanças climáticas. Ela é conhecida por seu discurso direto e por sua ousadia de criticar líderes mundiais.

Além de seu ativismo, Greta também escreveu livros e artigos sobre a crise climática e foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz várias vezes.

Mas Greta é uma profetiza? No sentido bíblico, não. Profetas são mensageiros divinos. E no sentido moral? E porque falar dela? Greta é uma jovem com capacidade de inspirar outros jovens, é discutida em grupo, aplaudida.

Nossos jovens hoje possuem preocupações que antes a sociedade pouco se preocupava. Eles são atentos a uma sociedade mais justa e mais auto sustentável. E Greta representa essa bandeira para o jovem atual.

Quando pegamos a fome de justiça do jovem com a vontade de comer de alguns grupos, criamos uma combinação bombástica. Por isso é importante abordamos aqui as pautas levantadas por essa menina.

Existe uma fala assim: “a história é contada pelos vitoriosos”. Eu diria que a história é contada pelo dono da caneta e de poder de voz.

Nossos jovens são contagiados por discussões inflamadas. Pela fala empolgante, sendo o discurso falacioso ou não. E por isso é minimamente fácil que figuras militantes sejam tão amadas pelo jovem, pois eles manipulam os corações. Trabalham nas emoções.

Jesus, era um revolucionário em sua mensagem. Isso é um fato incontestável. Mas justamente por essa característica que alguns grupos conseguem distorcer a mensagem do Evangelho e puxar o jovem para causas inclinadas à esquerda.

Precisamos estar mais atentos aos jovens e mostrar a eles os outros lados da moeda. Apresentar que a história tem mais de uma versão e que todos são agentes da história.

A sociedade atual possui muitas bandeiras hasteadas: direito das mulheres, preservação do meio ambiente, saúde pública etc. Todas essas causas são relevantes, a problemática existe quando essas pautas são usadas para promoção de causas muito específicas.

O direito das mulheres é importante? Claro que é. Mas todo ser humano é importante. Não existe seres humanos mais importantes do que outros. Não pode uma busca por uma suposta igualdade ser justificativa para eliminar bebês.

Juliette Oliveira

O meio ambiente é importante? Óbvio. Se não cuidarmos do nosso planeta estamos matando um pouco mais a nós mesmos. Mas não podemos preservar a vida das baleias e ignorar a vida de bebês.

Muitas vezes, as bandeiras levantadas parecem ter uma mensagem altruísta, mas no fundo são apenas discursos para movimentos de manadas e privilegiar certos grupos políticos. No fundo, no fundo... “Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade” (Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha Nazista).

Em suma, mesmo diante de tantas limitações e dificuldades não podemos deixar de contribuir para um legado melhor para nossos filhos. E você? Quais são suas contribuições para perpetuar seus valores às próximas gerações.

Livraria

The advertisement is set against a dark blue background. At the top left is the logo for MENEZES COSTA, featuring a scale of justice and an open book, with the tagline 'COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA'. To the right, the text 'Livraria Curso Menezes Costa' is displayed in large, white, sans-serif font.

Below the logo, there are three main visual elements:

- Journal Cover (Left):** The cover of 'REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA' (ISSN 2764-3867), Vol. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022. It features a central illustration of a warrior in a tunic and helmet, holding a spear and shield, standing on a rocky landscape. Text at the bottom reads 'E-book 2ª edição especial'.
- Journal Covers (Middle):** A collage of several 'CONHECIMENTO & CIDADANIA' journal covers from various issues, including 'A Grande', 'O m', 'As O por Um', and 'O parado'. A large green text overlay at the bottom of this collage reads 'Edição especial'.
- Book Cover (Right):** The cover of the book 'Direito nas Escolas' by Leandro dos Santos Costa (autor) and Munique Menezes Costa (autora). It is Volume I, 'Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio'. The cover is dark green with a scale of justice and a stack of books at the bottom.

Edson Araujo

O custo de vida e o custo da vida



Desde criança ouço falar sobre o custo de vida, hora alto, hora relativamente baixo, porém sempre é o radical dos assuntos que dizem respeito a política.

A economia ramo que abarca esse tema, tem sido explorada de várias maneiras pelos agentes do estado, mídia, empresariado e os interessados.

Há que considerar a importância de proporcionar à população um custo de vida adequado aos seus ganhos financeiros e nisso todos concordamos.

Além da cesta básica, lazer, saúde, vestimentas, segurança, etc..também compõem o custo de vida.

Se há um sonho para nossa sociedade nesse momento histórico é poder viver dignamente e esse é um anseio legítimo.

Com tudo, quero chamar atenção para um outro aspecto tão ou mais importante, que é o custo da vida.

Quando tratamos do custo de vida, nós abordamos o aspecto físico -material- da vida, pois é o que nossa educação nos impõe, faz séculos; mas quer propor uma abertura da visão sobre a vida e como sempre, uma reflexão.

É fato que estamos lutando por um país melhor? Sim, mas em que aspecto? Pois o materialismo já se mostrou um fracasso para a dignidade humana.

No campo sociopolítico, temos que lutar incessantemente pela nossa qualidade de vida?

Edson Araujo

Sim, mas de que vida estamos falando?

Seria uma existência materialista que só nos faria parecer cada vez mais como animais, que dominados pelos instintos, buscam apenas, caçar, comer, beber, brincar e procriar?

Penso ter deixado claro que quando falamos em “custo de vida” falamos do aspecto materialista da vida, e tudo bem, pois é real este aspecto da vida.

Porém, não nos esqueçamos que existe também pelo menos mais um aspecto da vida ao qual devemos nos atentar; o aspecto conhecido como espiritual, que também é legítimo e mesmo com seus vários conceitos, indiscutivelmente real para o serviço humano, e é aí que tudo muda.

Conhecido também como aspecto sutil, o aspecto espiritual, caso seja ignorado, pode comprometer toda a vida, seja ela material ou espiritual.

Vejamos: temos dedicado todo nosso esforço, energia e intelecto para conquistarmos um padrão de vida ideal porém tudo que temos conseguido são algumas migalhas que o materialismo nos proporciona após algumas pequenas vitórias que são sempre muito passageiras e muito dependentes do contexto histórico, onde ora a demanda é pela moralização do judiciário, pela vida, contra o aborto entre outras demandas, e embora a vitória seja certa, porque não temos tido tanto sucesso quanto esperávamos na nossa luta contra esses aspectos negativos?

Vamos refletir?

Em Romanos 12:21 o apóstolo Paulo nos recomenda uma tática infalível para termos sucesso na empreitada da vida, e é o seguinte “conselho”: “Não vos deixeis vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem”.

O de está o valor lógico desse versículo?

Vejamos: se a minha luta é contra alguém que pratica o mal logo se minha atitude julga ser contrária ela deve ser impulsionada pelo amor movida por sentimentos nobres pois se luto contra alguém que praticou ódio odiando-o logo estou dando força ao próprio ódio.

Não parece claro?

Ser vivo em uma sociedade onde o materialismo impõe seus resultados e a sociedade então vive de tal forma desonesta, violenta e desumana se preciso que essa sociedade tome um caminho contrário devo apresentar elementos, que nos leve a uma conversão que nesse caso eliminarão os sintomas que citei acima.

Ouçoo muitas pessoas que ao mencionarem suas lutas contra a determinadas personalidades ou até mesmo instituições, destilam o seu ódio e raiva, com vontade muitas vezes de eliminar a vida de seus oponentes, portanto se de um lado vejo os resultados de quem opera o próprio ódio, como poderei eu

Edson Araujo

querer combater os resultados do ódio sendo eu o portador do ódio? Não nos parece este o conceito de loucura? " Fazer a mesma coisa esperando resultado diferente".

Talvez aí esteja um ponto importante para reflexão, se queremos um mundo melhor temos que apresentar pensamentos, sentimentos e atitudes melhores pois não podemos combater o mal com o próprio mal, do contrário iremos apenas nos deparar com o mal do outro ou com o nosso próprio mal; e por ignorância caminhamos dando força àquilo que queremos eliminar.

Talvez o mundo esteja cada vez mais difícil, materialista e com tantos sentimentos negativos porque de alguma forma colaboramos com isso quando nos deparando com tais atitudes, agimos da mesma forma pensando que agimos com força contrária, mas estamos no mesmo fluxo, apenas nos iludindo.

E aí está o radical da nossa reflexão; quanto custa da vida agirmos errado pensando em melhorar o nosso custo de vida? Quanta saúde tem alguém que vive baseado no ódio, nos sentimentos mais baixos? Quanto de vida tem alguém que segue no caminho contrário dos sentimentos que quer ver nascer no mundo?

Pensemos sobre como queremos justificar nossa luta, se com valores altivos ou com a pobreza das mais baixas emoções...

Sejamos nós então os portadores dos elementos que faltam à nossa sociedade, caso contrário seríamos como o cão que corre atrás do rabo, pois aquele que busca justificar sua vida fora daquilo que lhe é próprio, está morto mesmo sem saber, e isso serve para nossos ideais.

Nesta questão, há muitos que dizem que Cristo veio ao mundo e de nada adiantou, pois o mundo está cada vez pior, porém sabemos que ele foi vitorioso, pois sem sua presença talvez nem estivéssemos aqui hoje.

Lembremos que ele não veio para fazer por nós, mas para nos mostrar o caminho e é inexorável que uma vez por seu caminho, não cheguemos ao paraíso.

Que Deus abençoe nossa jornada!

Vamos falar seriamente sobre aborto



Volta e meia o tema aborto reaparece em debate; desta vez, por conta do projeto de lei 1904/2024. De autoria do deputado *Sóstenes Cavalcante (PL-RJ)*, o texto “*Acréscimo de dois parágrafos ao art. 124, um parágrafo único ao artigo 125, um segundo parágrafo ao artigo 126 e um parágrafo único ao artigo 128, todos do Código Penal Brasileiro*”. O texto equipara o aborto realizado após 22 semanas ao homicídio simples, previsto no Art. 121 do Código Penal.

Este projeto foi uma resposta para a intromissão do *Supremo Tribunal Federal* de interferir em uma decisão do *Conselho Federal de Medicina*, que proibiu a prática da assistolia fetal – injeção de cloreto de potássio na barriga da gestante com o objetivo de atingir o coração do bebê, provocando uma parada cardíaca e, por conseguinte, sua morte.

Para se ter uma ideia do tamanho da crueldade, o Conselho Federal de Medicina Veterinária proibiu o uso deste método alegando ser inaceitável, já que o animal sente profunda dor durante a eutanásia; oras, se um animal sente dor, é lógico pensar que um ser humano, com estrutura cerebral bastante desenvolvida a partir das 16 semanas, sinta muita dor.

No que tange ao projeto de lei, a ala progressista se levantou de uma maneira nunca antes vista para deturpar o texto e apelidar de “*PL do estuprador*”, isso com ajuda da rede globo, a Secom paralela deste desgoverno; tudo por conta do parágrafo único sugerido para ser inserido no Art. 128 do Código

Danielly Jesus

Penal: “*Se a gravidez resulta de estupro e houver viabilidade fetal, presumida em gestações acima de 22 semanas, não se aplicará a excludente de punibilidade prevista neste artigo.*”

Sabemos que o aborto é crime no Brasil, portanto não existe “*aborto legal*”, mas sim excludentes; são três: má formação do feto, quando a vida da gestante corre perigo ou em caso de estupro. Ou seja, nem o médico e nem a gestante serão incriminados dentro destes três casos.

Porém, o diabo sendo o pai da mentira, possui filhos igualmente mentirosos, pois possuem a mesma natureza. E foi desta maneira que a grande mídia brasileira atuou: propagaram a mentira de que a mulher vítima de estupro seria condenada e que teria pena superior a do estuprador (Art. 213 Código Penal – pena de reclusão, de seis a dez anos).

Vamos ao fact checking: esta é uma *fake news* das piores que já vi sendo propagada pela dita “*mídia tradicional*”; o art. 128 trata do médico que realiza o procedimento. Logo, o crime da prática do aborto, mesmo em caso de estupro após 22 semanas, não é para a mulher.

Quando parlamentares de esquerda e jornalistas de baixo nível trabalharam em propagar essa mentira, a militância foi para as ruas; utilizando-se do termo “*Criança não é mãe*”, defenderam o assassinato de bebês com a desculpa de que meninas que foram abusadas não estão aptas para serem mães, e que por isso, não são obrigadas a parir um fruto de estupro.

Este é um dos pontos que torna o assunto difícil: como ninguém, em sã consciência, defende violência sexual, a maior parte se cala pensando que, neste ponto há uma “*certa razão*” em ser favorável ao aborto. A esquerda sabe disso é justamente neste ponto em que desdobram o debate, pois querem sensibilizar a opinião pública – já que com argumentos sólidos não obtém êxito.

O primeiro estágio é apelar com números – nada concretos, diga-se de passagem. Em minha pesquisa, deparei-me com dados completamente diferentes; por exemplo, em matéria do site *Metrópoles*, publicada no ano de 2023, “*Sem subnotificação, Brasil tem 800 mil estupros ao ano*”. Já outra matéria, de 2024, diz que “*Uma mulher é estuprada a cada 46 minutos*”.

Porém, chamo a atenção do leitor para que nunca se guie pelo título de uma matéria, e tomarei esta última citada como exemplo; os dados são oriundos do Atlas da Violência, em parceria com *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)* e o *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Os números da edição deste ano são baseados em registros no *Sistema Único de Saúde (SUS)* em 2022.

Como sempre faço (e oriento aos admiradores do meu trabalho), utilizo sempre de fonte primária, que, no caso, é o documento publicado em PDF com todos os dados. E na descrição da obtenção de dados de violência contra a mulher, diz:

“*...tendo como objetivo qualificar a discussão sobre violência doméstica e intrafamiliar, incluímos nesta categoria todos os registros cujo PROVÁVEL autor foi identificado como pai, mãe,*

Danielly Jesus

madrasta, padrasto, cônjuge, ex-cônjuge, namorado(a), ex-namorado(a), filho(a), irmão(ã) ou cuidador(a). Estes totalizam 65,2% de todas as notificações de violência contra vítimas do sexo feminino no ano de 2022.”

Ou seja, não utilizaram de DADOS CONCRETOS, MAS PROVÁVEIS.

Outro ponto são os dados distintos de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA e VIOLÊNCIA SEXUAL contra a mulher:

“Dentre as formas de violência mais frequentemente notificadas no contexto da violência doméstica, a violência física apareceu como prevalente com 36,7% dos casos: 51.407 registros apenas em 2022 (...), violência sexual com 8,9% (12.477 dos casos)”

Agora, vamos a própria definição de VIOLÊNCIA SEXUAL descrita no relatório:

“...é qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com uso ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa, de qualquer sexo e idade, a ter, presenciar ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção. Incluem-se como violência sexual situações de estupro, abuso incestuoso, assédio sexual, sexo forçado no casamento, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas, impostas, pornografia infantil, pedofilia, voyeurismo; manuseio, penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos, de forma forçada.”.

Pergunto: como que dizem que uma mulher é estuprada a cada 46 minutos se o relatório inclui “jogos sexuais e práticas eróticas”, que nem sempre se enquadram em conjunção carnal? Nosso Código Penal, em seu Art. 213, define estupro como: “*Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter CONJUNÇÃO CARNAL ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso*”

Observação: não estou relativizando o crime, muito menos desprezando a dor da vítima, mas apenas tratando da tipificação para tratarmos do tema principal do artigo, que é o aborto.

Um outro fato importante: não foram consideradas as falsas notificações de estupro; inclusive, a autodeclarada agência de checagem “*Aos Fatos*” afirma que “*Não existem dados oficiais no país que deem conta de subsidiar a afirmação — seja para confirmá-la ou para derrubá-la*”. Então, como vimos, os dados são inflados para tocar na emoção da opinião pública, sem uma verificação mais concreta e profunda.

Agora, vamos analisar um hipotético fato consumado: uma pré-adolescente de 10, 11, 12, 13 anos foi violentada sexualmente e está grávida; o que dizem os progressistas: “*Criança não é mãe, como que uma criança vai dar à luz?*” Vamos aos dados?

Danielly Jesus

Segundo estudo publicado no *The Journal of the American Medical Association (JAMA)*, engravidar entre 10 e 13 anos aumenta em 56% o risco de **parto prematuro** e em 32% o de uma cesárea, em comparação com adolescentes que ficam grávidas entre 14 e 17 anos. O estudo constatou, ainda, que 18,5% das meninas entre 10 e 13 anos desenvolveram **pré-eclâmpsia** (quadro de pressão alta) na gravidez, contra 16,2% das adolescentes de 14 a 17 anos e 15,7% das jovens de 18 e 19.

Ou seja, a faixa de maior risco é dos 10 aos 13 anos, tanto para gestar como para dar à luz. Então, é lógico dizer que uma menina dessa idade está apta para fazer um aborto? Vamos sujeitar esta menina a outra violência? Já viram alguém da ala progressista chegar a esta conclusão?

Agora, voltemos ao projeto de lei para tratar de algo importante: a personalidade do bebê. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, denominou o PL de “*irracionalidade*”:

“Isso não tem o menor cabimento, não tem a menor lógica, a menor razoabilidade de se punir [a mulher que aborta], a título de homicídio — que se pressupõe matar alguém com vida, gerada após o parto”

Ignoremos a irracionalidade de Pacheco no que tange a culpabilizar a mulher, afinal, já expliquei isso; o ponto aqui é que ele trata como homicídio matar apenas quem já foi gestado. Oras, isso não tem cabimento.

Francisco Razzo, em sua obra “*Contra o Aborto*”, explica que “*o ser humano é DESDE A CONCEPÇÃO uma pessoa (grifo meu); o autor faz uma análise filosófica e antropológica para dizer que “por ser uma pessoa, o nascituro deve ter seus direitos protegidos, mesmo quando o desejo de sua mãe é abortá-lo”.*

Daí boa parte da ala progressista defender a ideia estapafúrdia de que até tantas semanas o que existe é apenas um “*amontoado de células*” sem importância. Quando não tratamos o embrião/feto/bebê como pessoa desde o início, este pode ser tratado como “*coisa*”, e algumas “*coisas*” podem ser eliminadas, não é mesmo?

Razzo explica:

“Faz toda diferença referir-se à singular vida humana do embrião como alguém ou algo. Se o indivíduo humano por nascer for qualificado como pessoa, a este mesmo indivíduo deverá ser garantido, como é garantido para qualquer outro indivíduo já nascido o direito à vida – como um direito básico e universal –, o respeito moral e a proteção legal contra qualquer ameaça à sua integridade.”

Infelizmente, chegamos em um ponto onde estamos pessoalizando coisas e “*coisificando*” pessoas; onde defender pessoas que ainda não nasceram tornou-se “*fundamentalismo religioso*”; onde tratar aborto como homicídio é chamado de “*irracionalidade*”. Está cada vez mais caro para o nosso caráter defender a vida humana; contudo, lutar contra o assassinato de inocentes não tem preço.

A concretude do real



Viver não é fácil. E quem disser que é, está mentindo. As nossas construções mentais esbarram, de foma prática e até impiedosa, nas limitações da realidade. Ao longo da vida, passamos inúmeras vezes por essa situação, que ocorre quando, como dizia Cazusa, “as ideias não correspondem aos fatos”.

No momento em que isso acontece, ou seja: quando nós idealizamos algo que não pode se concretizar, do modo que desejamos, surge uma escolha: a de qual reação teremos, diante do que se apresenta para nós. E é nesse exato momento que os maduros e os imaturos se distinguem.

O ser humano vive rodeado de paradoxos. Ele ama, mas não quer se entregar. Ele está sem dinheiro, mas sai e gasta o que não tem. Ele quer ser mais saudável, mas passou a noite na bebedeira. A contradição reside em nós, e a única forma de lidar com ela é encarando-a de frente.

Com base em tantos paradoxos, nós projetamos uma série de eventos mentais, os quais não tem condições de se materializar, por inúmeros motivos diferentes. Inclusive porque nós podemos ter feito tudo errado, apesar de termos desejado muito aquele resultado, que não ocorreu.

Contudo, o problema reside na nossa reação, quando as coisas não acontecem conforme imaginamos. O imaturo sempre reagirá de modo destemperado. Seja tomado por ira, soberba, orgulho, vaidade, vitimismo

Erika Figueiredo

ou frustração, sua reação será sempre desequilibrada, como se a vida estivesse contra ele e o resultado fosse imerecido.

A pessoa madura, que desenvolve as suas virtudes, entretanto, reage de outro modo àquilo que lhe acontece de forma diversa da que aguardava. Ela simplesmente compreende que não pode controlar tudo. E que também teve sua parcela de participação naquele desdobramento.

Essa maturidade chegou-lhe, provavelmente, por meio do desenvolvimento de espiritualidade, religiosidade, gratidão e das virtudes cardeais da temperança, da prudência, da fortaleza e da justiça.

Logo, seus critérios do que seria justo ou merecido são mais elásticos, por compreender que as coisas são como devem ser, pois há algo superior a nós, que detém uma inteligência e uma sabedoria divina, as quais não dominamos.

Então você está apaixonado por alguém. Você faz mil planos, projeta um futuro maravilhoso, imagina muitas coisas com aquela pessoa. Porém, em uma atitude inesperada, ela se afasta de você, torna-se inacessível, não te responde mais, retrai-se.

Aquela amizade que você tinha em alta conta te decepciona. Faz algo inaceitável, trai a sua confiança, expõe você. É desleal. Isso te fere e faz sentir-se péssimo.

Você perde o emprego dos seus sonhos e cai de paraquedas no mercado de trabalho, já com mais idade e sem saber bem para que lado ir, sentindo-se completamente desamparado, desmotivado e inseguro, em relação ao seu futuro. Sobretudo porque seu chefe comunicou-lhe com frieza e zero empatia.

Existem duas atitudes possíveis, nessas circunstâncias e em muitas outras. Você pode ser tomado pela raiva, deixar uma mensagem malcriada, sair por aí difamando essa pessoa, queixando-se do modo com que foi tratado... ou você pode tentar compreender os motivos daquela atitude (deve existir pelo menos um).

Você pode ter um olhar generoso e acolhedor, colocando-se no lugar dela, compreendendo que pode não ser algo pessoal: ela pode estar atravessando um momento ruim.

Se foi justo, correto, adequado – dirão os afoitos e imaturos que não. Entretanto, nós não controlamos as situações e as reações, precisamos ter a exata dimensão da nossa pequenez e simplesmente compreender que há coisas que não podemos modificar.

Na concretude do real, vamos seguindo pela vida, percebendo com a maturidade, que nem tudo que projetamos pode realizar-se no mundo. E vamos nos humanizando. E nos tornando pessoas mais calmas. Comedidas. Equilibradas. Em uma busca sincera da verdade. Menos fofoqueiros. Menos maldosos. Mais amorosos. Menos raivosos.

Erika Figueiredo

Não pensem que é fácil. Passamos a vida ouvindo receitas e fórmulas prontas, sobre como devemos nos comportar, nas mais variadas situações. Aprendemos que “bateu, levou”. Revidamos para não parecermos idiotas, aos olhos dos outros.

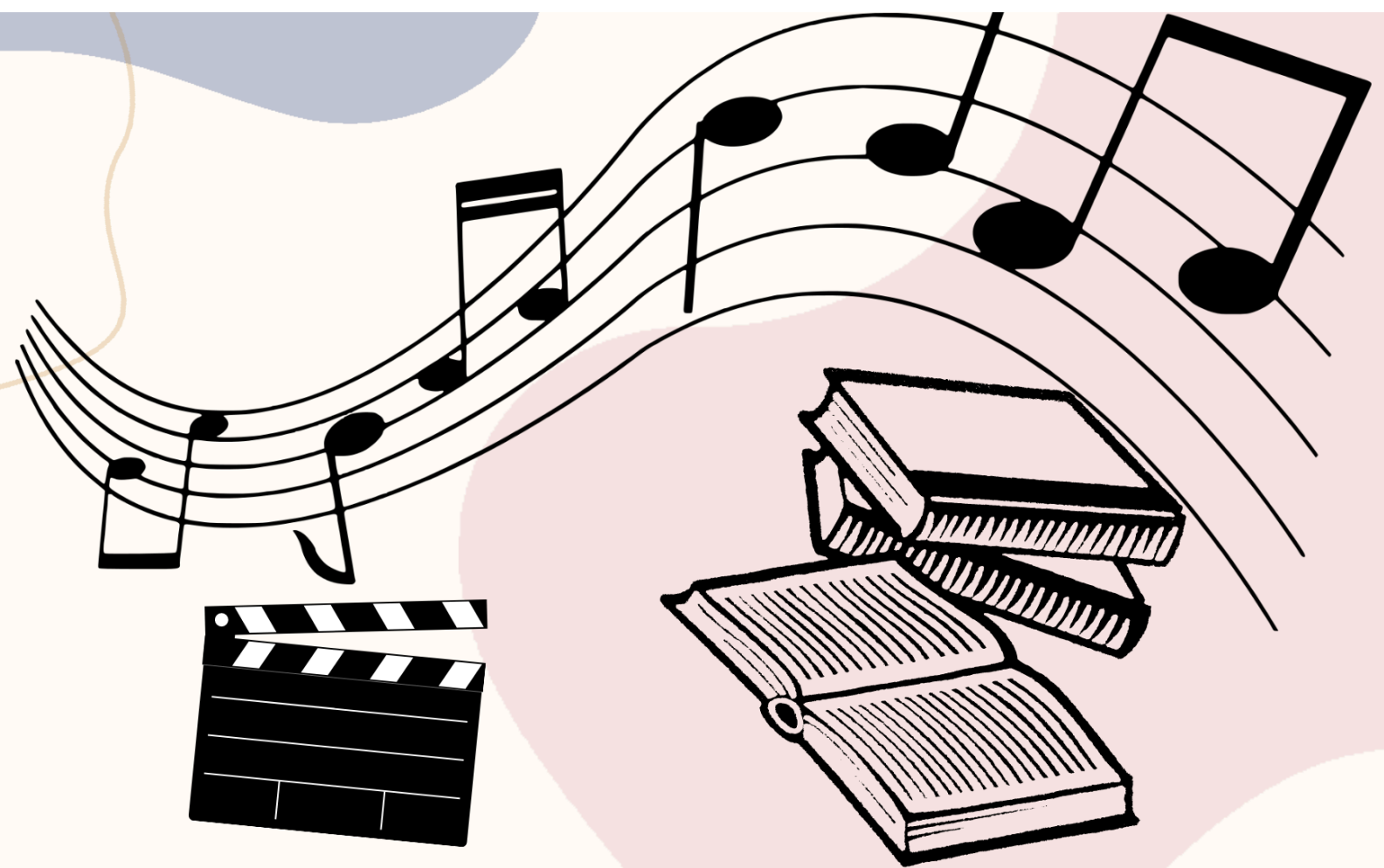
Perdemo-nos na opinião alheia (aliás, como as pessoas tem opiniões sobre tudo o que não lhes diz respeito, mas não enxergam um palmo à frente, quando se trata de suas próprias vidas). O ser humano tem respostas para quase tudo que não lhe atinge.

Quando compreendemos que revidamos com agressividade, raiva, maledicência e histeria, porque somos imaturos e não sabemos dominar nosso complexo de inferioridade, nosso medo de rejeição e nossa preocupação com a opinião alheia, teremos caminhado muitos passos, rumo à maturidade e ao equilíbrio pessoal.

É utilizando essas oportunidades para o aprimoramento pessoal e a renovação da nossa fé em Deus e no que a nossa existência, certamente, nos reserva de bom, que vamos nos tornando pessoas melhores, mais sábias e evoluídas.

É nos momentos de frustração das expectativas, que distinguimos quem é quem. Adequar as expectativas aos reveses do caminho é a escolha mais acertada, sempre. Olhe para cima, faça uma prece e confie em Deus. Afinal, Ele conduziu-te e guiou-te até aqui!

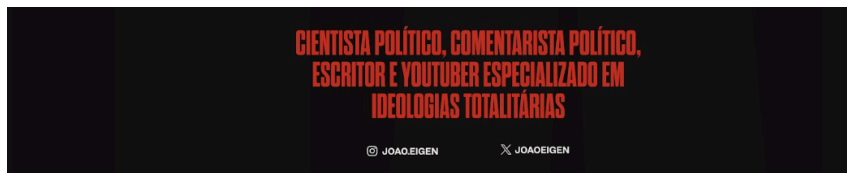
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa

Dica de Canal no Youtube



João Eigen

João Eigen

O escritor, cientista e comentarista político João Eigen se destaca por ser um grande conhecedor de um dos temas mais caros na atualidade, utilizando de fontes diretas, em especial a literatura da época, o especialista em regimes totalitários esclarece, com maestria, elementos do socialismo, do fascismo e o nazismo, apontando não só a atuação de tais regimes, mas suas fontes de inspiração e sua evolução no século XX.

<https://www.youtube.com/@joaoeigen>

Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.

III Fórum Nacional da ABRAJUC

Associação Brasileira de Juristas Conservadores



10
Agosto



Das
09h às 18h



**Clube de Aeronáutica
do Rio de Janeiro**

O endereço e demais informações serão fornecidas
mediante inscrição pelo Whatsapp

Vagas limitadas

Inscreva-se pelo Whatsapp

Taxa de inscrição

R\$70



(21) 99763-3255

ABRAJUC



III Fórum da Associação Brasileira de Juristas Conservadores

Defesa da vida e direitos do nascituro



Palestrante

Andréa Cartaxo
Juíza de Direito do TJPE



Palestrante

Ministro Ives Gandra Filho
Tribunal Superior do Trabalho



Mediadora

Célia Cunha
Procuradora do Estado de Santa Catarina



Palestrante

Henrique Lima
Procurador-Geral do MPC/RJ



Palestrante

Lílana Bittencourt
Juíza de Direito do TJGO



Palestrante

Luciana Faria
Juíza de Direito do TJMG

Inscrições pelo Whatsapp | Vagas limitadas



III Fórum da Associação Brasileira de Juristas Conservadores

Democracia e Globalismo



Palestrante

Felipe Dantas

Procurador Federal da AGU



Palestrante

Jorge Seif

Senador da República



Mediador

Marcus Seixas

Professor de Direito na UFF



Palestrante

Erika Figueiredo

Promotora de Justiça do MPRJ



Palestrante

Antonio de Moura

Procurador Federal da AGU

Inscrições pelo Whatsapp | Vagas limitadas



III Fórum da Associação Brasileira de Juristas Conservadores

Segurança Pública e Sistema Prisional



Palestrante

General Pazuella
Deputado Federal



Palestrante

Flávio Bolsonaro
Senador da República



Mediadora

Carmen Eliza
Procuradora de Justiça do MPRJ



Palestrante

Victor César
Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro



Palestrante

Fabrício Oliveira
Delegado da PCERJ



Palestrante

Flávio Horta
Desembargador do TJRJ



Palestrante

Alexandre Meinberg
Juiz de Direito do TJMT

Inscrições pelo Whatsapp | Vagas limitadas



REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

SIGAM-ME

Nas redes sociais



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



